

Paulo Calmon da Gama: A democracia e o Clube do Bolinha

06/06/2023

Há alguns meses [escrevi aqui nesta ConJur](#) que à luz do direito constitucional brasileiro qualquer criança alfabetizada seria capaz de discorrer sobre a inexistência atual de um Poder Moderador (cometido a quem quer que seja), e a mera conjectura de um tal atributo às Forças Armadas, em países democráticos, seria algo no mínimo constrangedor.

O absurdo e oportunismo da "tese do poder moderador", com a mudança dos ventos políticos, instalou-se em gândara estéril, tornou-se insustentável até por seus acólitos originais, alguns que avassalaram-se para emprestar algum formato jurídico ao mostrengo e que agora renegam o filho feio que não vingou.

Daí que os empreendedores do "poder moderador" ficaram ao relento.

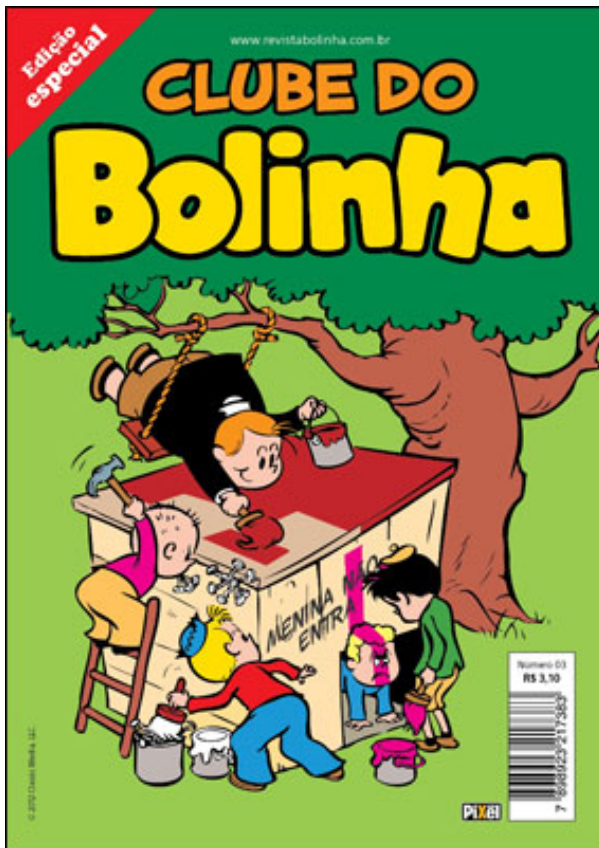
Mas a fase da aceitação não é igual para todos; sempre haverá alguns inconformados e histéricos. Basta ver a horda escatológica que assolou Brasília em 8 de janeiro.

Sabemos que as diversas tribos que formam o sincretismo contemporâneo organizam-se em clubes, de maior ou menor relevo social, civis ou militares, a propiciar entretenimento a seus sócios (e defesa de seus interesses), o que não deixa de ser normal.

O que não é normal é se algum desses clubes pretender se irrogar à posição de oráculo da República, *alter ego* do "poder moderador", para desfiar um rosário de queixas ideológicas, político-eleitoreiras, como se ele próprio detivesse mínima isenção.

Mais antigo do que andar para frente é o hábito estratégico e insincero de alguns em lesar aquilo que fingem proteger. Em nome da liberdade, ofende-se e tolhe-se a liberdade dos outros. Em defesa da democracia, prega-se uma tirania mal disfarçada. Uma entidade que hipocritamente se posiciona como apolítica pratica atos típicos de partidarização política para refutar... a suposta partidarização política "do outro"!

Reprodução



Reprodução da HQ "Clube do Bolinha"

E os presidentes de nossos clubes militares não escapam desse figurino. Em nota conjunta publicada no ultimo dia 27 de maio, sem sequer disfarçar a coincidência aos interesses e narrativas de seu líder político, o ex-capitão que presidiu a República, disseram que o país se ressentia *"desde o início de 2019"* (início do mandato do ex-militar recém derrotado nas urnas) com um *"crescente desequilíbrio entre os poderes (...) com nítida prevalência do poder judiciário"*. Escancarando que tem seu lado, diz em lamúria que *"um lado do espectro ideológico pode tudo, enquanto o outro sofre os rigores de uma lei quase sempre interpretada de forma abusiva"*, daí a preocupação para *"onde caminha nossa democracia"*. Ao projetar-se à sua própria régua, a nota acusa o Poder Judiciário de ter *"tomado partido político de forma ostensiva"*. Em sua inescandível defesa de um moribundo projeto de poder moderador, a nota opta pelo ataque sonso a todos os que exercem a jurisdição, reputando-os antidemocráticos e parciais.

Não fosse trágico ver no que se transformou essa parcela relevante da representação público-social brasileira, sua pueril *"estratégia argumentativa de espelhamento"* seria risível. O país e o mundo vivem problemas sérios, reais, estamos em meio a batalhas de verdade, que não se vencem através de falatórios, bravatas, frivolidades ou fake news. Temos que olhar para frente; e todos — cada um no seu quadrado —, públicos e privados, civis e militares, têm muito a contribuir.

O golpe do "moderador" caiu de maduro; já não cola mais. A hora é, sim, de "moderação": não adianta chororô com o leite condensado derramado. Respeito sincero ao Estado de Direito, à



democracia, às instituições e aos Poderes da República é um bom (re)começo.

Chega de conspiração!

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2023-jun-06/paulo-calmon-gama-democracia-club-bolinha/>